

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 1\$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 1\$125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS 570) RS.
RAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 2\$000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NUMERO, 7

AVEIRO

VILIPENDIOS AO EXERCITO

O exercito foi offendido baixamente pelo governo progressista. Não dizemos isto para o provocar á indisciplina, como fazem muitos outros dos nossos collegas republicanos, que tanto o desprezam e chasqueiam nas horas de paz, como lhe adulam o poder e a força nas horas de indignação. Nunca soubemos adular ninguém. O exercito, como todos os individuos, como todas as collectividades só vale para nós na balança da justiça. Fóra d'isso, tal qual está é mesmo uma instituição anachronica que desejaríamos ver, como outras, refundida nos verdadeiros preceitos da democracia e da sciencia.

O exercito foi insultado, foi degradado, foi espinhado de uma maneira atroz pela gente da Granja. Estâmos certos de que o não esquecerá, porque, se tem em casa muito pedaço d'asno e muito alvar, tambem por lá tem em maioria gente honesta e boa. Insultado no licenciamiento das praças da guarnição de Lisboa e na circular de censura que o ministerio da guerra enviou aos regimentos; degradado na nomeação do sr. José Paulino para commandante da 1.ª divisão militar; espinhado nas honrarias conferidas ao general José Joaquim Henriques Moreira.

Não bastavam as *desandas* com que as tropas de linha foram mimoseadas pelos jornaes progressistas. Quando era de esperar que os papeis do governo, ao menos por alguns restos de pudor, soubessem ser justos nos tristes conflictos que todos lamentavam, sahiram-se a quebrar lanças pelos selvagens da municipal e a esconcear, não só estes e aquelles soldados que se envolveram em uma desordem, que não provocaram, por alto espirito de camaradagem, mas os officiaes e soldados de todos os regimentos da guarnição de Lisboa. Para os brutos que levaram o seu camarada a encontrões para a esquadra de policia, brutos que estavam be-

bedos segundo se prova, não houve censuras nem nas *Novidades*, nem no *Correio da Noite*, nem no *Diario Popular*; ao coronel de artilheria n.º 1, um honrado militar que tem sabido fazer do seu regimento talvez o melhor de Lisboa em disciplina, instrução e aceio, não faltaram acrimonias nem descomponendas — *por não saber cumprir o seu dever*. E no entanto um misero apostata, que perdeu a auctoridade para tudo desde que praticou o acto mais indecente da vida politica, arremessa ás faces do exercito inteiro com o epitheto infamante de ociosos e devassos. Ociosos os tristes, que vieram moribundos aos centos do cordão sanitario onde foram, n'um trabalho insano e cruel, salvar a vida d'esse *puro*, que se vendeu á monarchia por: *abnegação e por honestidade*, e a de todos os borbobotas como elle! Ociosos e devassos os pobres, que terão quando muito uma hora de folga por dia na guarnição de Lisboa, a cahirem no hospital ás dezenas por não poderem com o serviço, hora de folga que se ha de ir embora tambem quando a austeridade monarchica lhe der para guardas de honra mais um ministro d'estado, o ministro *austero e incorrupto* que de socialista e de republicano passou a apostolo fervoroso do rei por... sem duvida, horror á sodomia!

Não bastava isso só, não bastava ainda a infamia do licenciamiento das praças de pret, que já criticámos aqui. Era preciso mais, muito mais, que a taça de insultos estava vasia para a Granja desde que proferiu o *penitêl me* aos pés do sr. D. Luiz de Bragança. Era preciso acabar de ennodoar o exercito, e principalmente a officialidade de Lisboa, pondo-lhe á frente o famigerado general do collegio militar, que tem processo em aberto nos tribunaes de Santa Clara. E ao mesmo tempo desconsiderava-se o unico homem honrado das alturas progressistas, o illustre general Abreu e Sousa, o que castigou o sr. José Paulino, o que nos ultimos annos mais procurou engrandecer e honrar o exercito portuguez! Matavam-se dois coelhos de uma cajadada, como se vê.

Era preciso mostrar á *mocidade das armas*, aos livres, aos que

erguem a cabeça por serem cidadãos portuguezes antes de serem militares, aos que collocam o futuro de seus filhos, o bem estar de seus paes, a grandeza da terra em que nasceram acima d'uma farda, que vale muito sendo a farda da patria e que não vale nada sendo a farda do reivo de outro homem qualquer porque então é a librê dos escravos, era preciso mostrar a esses que estavam tratando *com homens*, homens d'antes que torcer, e então, para trocarem os calouros da tropa, foram enchendo de honrarias o *tyranno* que prometia vingança, o tal que o sr. D. Luiz castigou com tres meses de inactividade por falsificar documentos officiaes, o mesmo que o velho marquez de Sá da Bandeira considerou indigno, de cuja conducta disse— *que era o esquecimento completo dos respectivos deveres, a inobservancia das leis, altamente reprehensivel em um official superior*. Valentes, catões de fina tempera!

Verrinas de tremer nos papeis progressistas ás tropas da linha; licenciamiento dos soldados para não fazerem desordem, isto é, exautoração inteira e completa dos officiaes, diploma da sua incapacidade militar, da sua impotencia para manter a disciplina, que é a base dos exercitos; nomeação do sr. José Paulino para commandante da 1.ª divisão militar, theatro das suas gentilezas e façanhas; circular de censura aos regimentos; prohibição dos grupos de soldados, em passeio; apothese do grande e famigerado compadre Tristão! E depois, o que virá depois? Não sabemos, mas alguma coisa virá. Quevenha! Entretanto nunca houve melhor occasião do que esta para exclamar:— *la marée monte! Lá marée...* do disparate e da indignação.

O PROCESSO DO SR. MAGALHÃES LIMA

Vá, pois, sabendo o sr. Magalhães Lima que não pode escrever impunemente asneiras, que não pode ser impunemente perfido, como muito bem lhe chamavam na ultima carta que publicámos, que não pode impune-

mente falsear a historia por despeito, raiva, odio e zanguinha. Não faltava mais nada que sua excellencia escrever e dizer quanto lhe viesse á cabeça do alto da tribuna da sua popularidade, e nós todos curvarmo-nos respeitosos perante as palavras do propheta. Não, senhor. Como não temos medo de arrostar com a sua popularidade, nem com a popularidade de ninguém, porque não queremos subir, subir, subir... porque nunca fomos do elogio mutuo, e sua excellencia bem o sabe, porque nunca quizeámos corte, antes nos apraz a aspereza da montanha, e sua excellencia não o desconhece, havemos de lhe arrancar a pelle sem dó nem piedade, porque assim o mandam a justiça e o direito. E o direito ha de vencer, creia-o. Não é só deixar caluniar os outros, sr. Magalhães Lima, e açular os rafeiros aos que pensam como quem e procedem como entendem, mas sem irem na esteira do illustre cidadão. Não ha rosas sem espinhos; e para a gente se não picar nos espinhos, quando quer colher as rosas, é necessario pegar-lhe ao menos com luvas de pellica.

Já vimos, continuando, que o sr. Magalhães Lima elogiava os amigos a torto e a direito, emquanto occultava actos importantes da propaganda republicana, por serem da iniciativa de individuos com quem deu em embirrar por motivos que nada nos importam e que podem ser justificados para o homem mas que nunca o podem ser para o historiador. Já vimos que o sr. Magalhães Lima, que tanto blasona de anti-clerical, foi ainda ha onse meses o maior amigo da clericalha, tão amigo, tão grande sustentaculo do catholicismo que fundou uma sociedade só para *combater os padres maus*! Por conseguinte uma sociedade de que podia muito bem ser presidente o frei José dos Quarações. Já vimos que o sr. Magalhães Lima, que tanto arrota de coherencia e persistencia na guerra á monarchia, e que manda accusar de vendidos ao governo os que não teem a mesma *persistencia e coherencia*, deixou de tomar parte em todas as manifestações republicanas depois que sahii da Universidade de Coimbra, foi para a

Democracia onde se absteve cuidadosamente de se envolver em politica republicana, porque a sua missão era escrever folhetins de... litteratices, foi para o *Commercio de Portugal* onde não começou a fazer verdadeira propaganda republicana *senão no fim* e esteve para ser feito deputado pelo sr. Osorio de Vasconcellos e pelo sr. Dias Ferreira. Sobre isto, contos largos que ficam para outra occasião! Já vimos tudo isso e poderíamos ainda ver a immodestia e o mal estar de consciencia do sr. Magalhães Lima pelos rasgados elogios, verdadeira apothese que traça de si mesmo, se não fóra o dictado:— *presumpção e agua benta cada um toma a que quer*. Só nos falta, pois, encerrar o livro por outro lado. E' o que faremos n'um proximo folhetim.

INTOLERANCIA

Sob esta epigraphie em *letras gordas* lia-se no *Diario de Noticias*, de 5 de junho:

O concelho municipal de Paris condemnou os livros elementares do sr. Fouillée, como inspirados n'um espirito clerical, espiritualista e mystico. Os livros de moral do sr. Fouillée serão, pois banidos das escolas municipaes. Hovelacque disse que o Deus da Universidade não era melhor que o da igreja; o sr. Voillant fez o processo do espiritualismo, que elle diz ser a mais detestavel de todas as superstições.

O *Temps* censurando esta resolução do concelho municipal, diz que os trechos que mais deveriam irritar os livres pensadores contra o sr. Fouillée seriam como este:— «Creanças, ha alguém que é melhor que nossa mãe, é aquelle que nos deu essa boa mãe; aquelle que nos deu todas as cousas; é aquelle que fez a terra em que nós vivemos e o mundo inteiro, é Deus.»

Que récua! (com licença dos anti-jesuiticos que pensam como o *Temps* e como o *Diario de Noticias*.) Até aqui julgava-se que o ensino religioso era apanagio intimo da familia. Até aqui julgava-

FOLHETIM

OS ACONTECIMENTOS DA BELGICA

OS FACTOS

Dias antes do 18 de março ultimo o grupo anarchista de Liège mandou distribuir aos milhares a seguinte proclamação:

Appello aos trabalhadores

Companheiros,
Os operarios agitam-se por toda a parte, a crise—lamentavel e terrivel—

em lugar de diminuir, cresce de dia para dia; assim crescem por toda a parte as idéas de emancipação na massa explorada.

Em Londres, em Amsterdam, em New-York, em todo o mundo enfim, os trabalhadores fazem-se ouvir da burguezia egoista.

Seremos nós os unicos a ficar n'esta apathia criminosa?

Continuaremos a deixar nossas mulheres e nossos filhos sem pão, quando os armazens regorgitam das riquezas que creámos?

Deixaremos que a classe burguezia gose eternamente de todos os direitos, de todos os privilegios e recuse toda a justiça e toda a liberdade aos que a sustentam, á classe dos productores?

Não acreditamos; e por isso appellamos para todas as victimas da exploração capitalista, para os que morrem de fome, para todos os que a falta de trabalho arremessou á rua no inverno rigoroso que atravessámos.

Recordae-vos, companheiros, de que faz 15 annos no dia 18 de março que a heroica população de Paris se levantou para emancipar os povos e de que essa tentativa de renovação social foi abafada com o sangue de 35.000 trabalhadores.

Convidámos-vos, pois, a associar-vos no dia 18 de março, decimo quinto anniversario da Communa, á grande manifestação operaria que terá lugar na praça de Saint-Lambert, pelas sete horas da tarde.

Pelo grupo anarchista de Liège:
J. Rutters, F. Billen,
Rue des Eccliers, 8. Robermont, 28.

Este manifesto foi distribuido por todas as ruas, largos e estabelecimentos de Liège e pelos arredores. Ninguém, todavia, lhe prestou attenção, incluindo as proprias auctoridades que não esperavam de maneira nenhuma o que ia acontecer.

Nesse meio tempo operava-se uma grande agitação na bacia industrial de Liège. Os operarios deixavam o trabalho em massa para ir á cidade.

Foi aos gritos de «Viva a Republica!» que os mineiros se reuniram aos magotes para tomar parte na manifestação.

Muito antes das sete horas da tarde já a praça Saint-Lambert, lugar de «rendez-vous», estava coalhada de gente. Um anarchista, Wagener, subiu a uma mesa e pronunciou algumas palavras. «Vossos filhos teem fome e os armazens regorgitam de viveres! Sois uns covardes, uns covardes!»

A columna cerrada dos ouvintes agitou-se então e avançou, precedida das bandeiras vermelhas dos anarchistas de Liège e dos operarios de Seraing. Percorreu as principaes ruas da cidade, gritando. Como sempre, havia de parte um grande numero de «mirões». Algumas «vitruvas» voaram em estilhas. Os cafés foram invadidos. Durou tudo isto

meia hora, pouco mais ou menos, sem que no horizonte surgisse um unico policia.

Uma parte da massa continuou as suas devastações, enquanto a outra se dirigia á praça Delcour, onde havia de ter lugar o annuenciado meeting. Ahi se pronunciaram violentissimos discursos e só com muito custo o cidadão Warnoth pôde fazer ouvir uma linguagem moderada e sensata. Depois d'esse meeting ainda se quebraram varios vidros, mas a policia e a guarda civica, convocadas a toda a pressa, em breve restabeleceram a ordem. Realisaram-se algumas prisões durante o motim. De noite foi preso Wagener com os signatarios do manifesto acima transcripto.

Como podereis imaginar, a burguezia belga que fazia o que queria ha tantos annos sem ninguém a incommodar, ficou espantada. A sua imprensa correu muito para exaltar a multidão, avaliando exaggeradamente os estragos produzidos.

se que a moderna liberdade, a verdadeira tolerancia, impunha aos governos o dever de se absterem de intervir nas crenças dos seus concidadãos. Desde que na escola de todos, na escola publica, havia filhos de protestantes, de judeus, de catholicos, de musulmanos, de materialistas, tinha-se á conta de supremo despotismo, da ultima das arbitrariedades, impor aos catholicos o deus dos musulmanos, aos musulmanos o deus dos catholicos e aos materialistas o deus dos outros todos. Mas desde que n'esta terra uma seita republicana fundou a anti-jesuitica, começou-se a tomar por intolerancia o que se dizia tolerancia e por despotismo o que se dizia liberdade. E um jornal, com applauso dos earnestos e limistas, ousa accusar a primeira corporação do mundo por affirmar e restabelecer a sua doutrina. E' verdade que... *vozes de burro não chegam ao céu.*

E posto isto de parte, meus meninos, quando vos disserem que Deus vos deu todas as cousas, que foi elle que fez a terra em que vivemos e o mundo inteiro, perguntae-lhe na vossa curiosidade infantil: — e quem fez Deus?

Então, rir-vos-heis á gargalhada dos embarços em que collocastes esses *sabios*, que não saberão, corridos de vergonha, responder á mais simples e natural das perguntas das creanças. D'esses sabios, que em lugar de pararem onde a razão do homem pára, se arremessam de cabeça no abysmo da ignorancia e das trevas para no fim emudecerem quando tão naturalmente quereis saber quem é esse estranho, esse papão, esse quidam que é superior á mãe adoravel que vos cobre de beijos e carinhos ao romper de cada dia, tão boa, tão pura, tão condescendente, que não podies admitir bondade, nem pureza superior á sua. Lá diz a propria theologia: — não ha finalidade nem principio! E não ha principios absolutos na razão humana!

A INFAMIA DA LEI

Os acontecimentos graves, que nos ultimos dias prenderam a curiosidade publica, obrigaram-nos a interromper a pacifica propaganda social porque temos decidida predilecção ha muito tempo, como a unica capaz de revolucionar as consciencias e de orientar os espiritos para resultados fortes e definitivos na velha campanha dos desherdados do acaso contra os oppressores do throno e do altar. Fomos tomando nota, todavia, dos successos importantes que, debaixo d'esse ponto de vista, se iam dando na vida nacional.

Eis aqui um, por exemplo, que passou despercebido aos jornaes que se dizem democraticos, como passou talvez despercebido a todo o mundo, como talvez nos passasse despercebido a nós proprios se não viesse decididamente reforçar um problema, cuja solução equitativa e justa não cessaremos de pedir com a energia de que possamos dispôr.

No dia seguinte repetiram-se as manifestações, mas as medidas que a policia tomou conseguiram torna-las inoffensivas. Ao mesmo tempo constituíam-se em greve os operarios das carvoarias de Liège, Seraing, Jemeppe, Tilleur, etc, etc. O governador teve medo e enviou um grande numero de soldados para as localidades da greve. As estradas que conduziam a Liège foram occupadas militarmente, e a propria cidade declarada em estado de sitio.

Os operarios, entretanto, estavam tranquilos. Reclamavam aumento de salario e diminuição das horas de trabalho. Os patrões nem se incommodaram a responder: — está allí o exercito e é quanto basta.

Entretanto, o desvairamento do mundo burguez continuava cada vez mais, os armazens fecharam-se, e annunciava-se, a todo o instante, a chegada a Liège de muitos milhares de grevistas. Nas refregas de grevistas e soldados foram mortos muitos operarios.

Falla o *Diario de Noticias* de 3 do corrente mez de junho:

«Um individuo que ante-hontem á noite passejava no jardim do Principe Real, surpreheu em flagrante delicto de exposição e abandono de uma creança de 13 mezes, uma mulher que por elle foi entregue ao policia n.º 41 da 3.ª divisão.

Conduzida para a esquadra no largo do Rato, declarou ali, lavada em lagrimas, chamar-se Maria de Jesus, que viera da Vidigueira, ha cerca de quatro annos, conservando-se sempre em Lisboa, onde se tem empregado como criada de servir. Seduzida por um moço de padeiro, de quem tem duas filhas, uma de 13 mezes, e outra de um mez, foi depois por elle despresada, votando-a com filhas a um completo abandono. Reduzida á mais extrema miseria, rodeada dos filhinhos que reclamavam sustento, que ella não lhe podia dar, sem casa, e sem meios, foi, segundo ella diz, no maior auge do desespero que abandonou a filhinha, que desde a vespéra não comia cousa alguma, na intenção de que a policia a fizesse recolher em algum instituto de caridade, o que ella não podia conseguir por não dispôr de protecção alguma. Era tal o estado de debilidade, occasionada pela fome, em que a mãe e filhos estavam, que uma canjaque o chefe Ribeiro, da esquadra do Rato, lhes mandou buscar, occasionou-lhe uma grande prostração.

A policia enviou-a para juizo. Perante a lei é uma criminosa, mas tambem é uma grande infeliz, como muitas outras que por ahí ha e que a sociedade deveria proteger.»

E é criminosa, essa mulher, perante a lei, e na opinião, com certeza, do mesmo *Diario de Noticias* que não cessa, salvo algum caso rarissimo, de manifestar o seu horror contra as desgraçadas que se encontram em circunstancias identicas ás da pobre Maria de Jesus! Criminosa, porque é mulher! Criminosa, porque abandonou uma creança, para a creança não morrer de fome! Criminosa, porque Jargava o filho á policia para que a policia fizesse o que ella não podia fazer *sem protecções!* Ninguém procurou o moço de padeiro para lhe impor o encargo de seus filhos. O moço de padeiro vai passeando pelos becos as suas heroidades amorosas. Os encargos são para ella só. E ai d'ella se não os satisfaz! Alem da deshonra, alem do desprezo social, alem da fome, terá a cadeia a que a rotam os mesmos que se enfiaram de lhe ouvir os queixumes de miseria ao sahirem, saciados e fartos, dos cafés. E falla-se em equaldade, e falla-se em liberdade e falla-se pomposamente na rehabilitação da mulher! Sucia de torpes, corja damnada de egoistas.

Carta de Lisboa

18 de junho.

Ha treguas, por enquanto. Os artilheiros vão indo para os seus exercicios annuaes de Vendas No-

Uma mulher e uma creança cahiram assassinadas ao transporem o Meuse. Um negociante, que teve a desgraça de chegar á janella para ver o que se passava, cahiu igualmente assassinado pelas tropas. Todos estes factos iam levantando indignação geral, mas como as tropas estavam sempre a chegar, os operarios tinham de se roer em silencio.

Passados oito dias, e continuando a greve referida, os mineiros de «Gouffre», perto de Charleroi, abandonaram o trabalho em massa. A greve estendia-se a pouco e pouco. Bandos de operarios, com uma bandeira vermelha na frente, percorrem toda a região de Charleroi. Dir-se-hia uma nova Jacquesie. Assaltam e queimam os castellos e as fabricas. A revolta triumphou por muitas horas á falta de soldados. A noite, o aspecto da localidade é sinistro. A atmosphera é de fogo. Já arderam completamente cinco castellos depois da pilhagem e devastação das adegas e mobilia. Das grandes fabricas de vidros do sr.

Bandoux, em Jumel, só restam as paredes. O trabalho está por toda a parte parado e os bandos de grevistas continuam a percorrer toda a bacia industrial e hulheira.

Depois, nos quartéis é grande a irritação contra o governo pela attitude escandalosa que tomou. Não é já, nem só, o licenciamiento das praças, que indignou vivamente os officiaes; é a circular de censura aos regimentos de linha, a par de certas desconsiderações que os profanos desconhecem, e do premio revoltante conferido á guarda municipal. O commandante de artilheria n.º 1, um excellent official, respeitador, disciplinador, honrado, simples nos seus actos e na sua posição, é censurado, senão officialmente, semi-officialmente com todos os quasi todos os seus officiaes ou orgãos do governo; o commandante das guardas municipais, que se não distingue senão por ter falsificado um documento, por ter deixado lanceiros da rainha em tal estado, que se insubordinou dois dias depois de ter de lá sahido e que já se tinha insubordinado com elle mesmo, não obstante *não constar*, e por dar pancadaria em mulheres inermes e homens indefesos, é louvado *particularmente* e erguido ás alturas de ajudante de campo de sua magestade el-rei!

O que fez o commandante de artilheria n.º 1? Fez o que o tyranno da guarda municipal não era capaz de fazer ao regimento de lanceiros em dias de *socage*, quanto mais em dias de exaltação ou perigo. Metteu os seus soldados na ordem, levou-os ao quartel, quando era maior a irritação dos animos. E em quanto elles obedeciam, mais ou menos promptamente mas obedecendo sempre, os soldados da municipal illudiam o general Moreira sahindo pela rua que elle lhes indicava e entrando pela outra. Até queriam, os sabichões da Grecia que troçam das tolices dos republicanos, que o commandante de artilheria n.º 1 possesse o regimento de prevenção no dia da desordem. Nem ao menos sabem que uma coronel não pode fazer isso sem ordem superior!

Não estamos defendendo, note-se, nem o coronel nem o regimento de artilheria n.º 1. Estamos apenas restabelecendo a verdade, sem nenhum intuito, nem o intuito politico sequer, porque por mais que certos palermas da Republica digam, pensem e escrevam, o regimento de artilheria n.º 1 é talvez, nos seus officiaes, o mais monarchico da guarnição da capital. Nenhum militar o ignora.

Dado este estado de cousas, levada a injustiça ao ponto que deixámos referido, o que quer o governo que se faça? Pensa que a municipal, acha de galardão, soberba de favoritismo, insolente de impunidade, não ha de fazer

Bandoux, em Jumel, só restam as paredes. O trabalho está por toda a parte parado e os bandos de grevistas continuam a percorrer toda a bacia industrial e hulheira.

Todo o mundo julga o paiz em perigo. O governo chama duas classes da milicia. Não se vê, em cada cidade, se não soldados e soldados. O famoso general Van der Smissen, o homem sanguinario e cruel conhecido pela triste campanha do Mexico, de tão maus resultados para a gente que elle defendia, foi encarregado de commando em chefe das tropas na bacia de Charleroi. Toda a guarda civica foi chamada ás armas, e os burguezes autorisados a organizar batalhões de voluntarios para defeza da ordem.

«E preciso restabelecer a ordem a todo o custo», tal era o grito geral da imprensa burgueza.

A greve continuava em Liège e nos arredores. Em Charleroi o numero dos grevistas era superior a 25.000. O Cen-

trabardar a sua sanha contra a linha na primeira occasião? E pensa que a linha, descontente, irritada, mesmo indisciplinada, a não aproveitará da mesma forma para se vingar? Asno inteiro se o pensa, como tudo leva a crêr. Ai de nós, ai do paiz que tem sem duvida grandes desgraças eminentes por causa das cavalgadas do poder!

Elle pensa-o, elle! Quem o não pensa são os tristes que hão de aguentar a tempestade que se forma. Na minha vida *andante* não me falta occasião de tratar os homens e as cousas bem de perto. Assim, por certo estudo adquirido na convivencia com os homens da especialidade militar, sem duvida mais cabidos do que eu nos assumptos da sua profissão, cheguei a concluir que o desalento, a frouxidão, a indisciplina do exercito são tão grandes, que vão fatalmente produzir, n'um futuro que já me não parece muito longe, graves transtornos sociais n'este paiz. Esta enorme machina que se chama a força publica, precisa da maxima regularidade para se manter estavel e normal. Se lhe deixam partir os parafusos, enferrujam as engrenagens e gastar as caldeiras, rebenta e leva tudo aadeante de si com extraordinaria violencia. Ora é esse, precisamente, o seu estado, estado de ferrugem, de bolôr, de podridão, principalmente aqui pela capital, onde os estragos são de maior perigo. Quando a machina está nova, ainda supporta accões estranhas de devastação. Quando está velha, vai pelos ares ao mais pequeno desarranjo. E isto está velhissimo!

Nos quartéis, campêa o mais desaforado cretinismo ao lado das mais escandalosas arbitrariedades. Nas repartições superiores ainda peor! Ninguém sabe mandar, e como ninguém sabe mandar está claro que ninguém sabe obedecer. Como a força está na unidade de commando e essa unidade não existe no exercito portuguez, como a obediencia está no respeito mutuo que todos devem uns aos outros e tal respeito é letra morta, como a disciplina parte da fiel comprehensão e da fiel execução dos regulamentos militares e ninguém os comprehende nem os executa, não ha força, nem obediencia, nem disciplina. A estas circunstancias, que matam o exercito pela base, juntam-se outras de subida importancia. A falta de dinheiro obriga o governo a licenciamientos annuaes, de que resulta uma grande redução nos effectivos. Entretanto, como o serviço é o mesmo succede que os soldados se veem abarbados com trabalho. Sahem da guarda ás oito horas da manhã e entram logo de piquete, de plantão, de dia á companhia, nos mil serviços internos e pesados que tem um regimento. E no dia immediato entram de guarda novamente ás oito horas! Que fazer? Se um soldado se apresenta sujo na parada da guarda, *porque não teve tempo para se limpar*, ou se castiga e pratica-se uma injustiça relativa, ou não se castiga e lá vai um golpe na disciplina. Se se encontra a dormir no seu posto de sentinella, *porque só sendo de fer-*

co é que resiste impavido a tanto serviço, a tantas noites mal passadas, ou se castiga e pratica-se uma injustiça relativa, ou não se castiga e adeus serviço, adeus disciplina. Mais do que isso! O serviço é tanto que os officiaes não sentem força para lh'o impôr. Vão-lhe pedindo quasi por favor que o faça, vão exclamando de vez em quando: — *anda lá, tem paciencia!*

Temos mais. Temos sobre isto os coices dos muares, perdão, as tolices de quem vegeta nas alturas. Por exemplo, os novos uniformes, alem d'um objecto de extravagancia, de *fantocherie*, de macacada, são um objecto de martyrio. Imaginem n'estes dias torridos os soldados a fazerem serviço em Lisboa de capacete, calça de panno, e panno horrivel, com polainas de coiro por cima, o peor coiro que se pode imaginar, um coiro que ainda é mais repugnante que um coirão! Por exemplo, na segunda feira houve um exercicio de brigada. E quando as batalhas, as verdadeiras batalhas, principiam com o romper da madrugada, salvo algum encontro fortuito e accidental, a nossa grande batalha simulada foi ás onze horas da manhã com uma temperatura de *vinte e nove graus centigrados!* Metade dos soldados ficaram no caminho. Se elles todos atirassem com a *albarda ao ar*, não tinham carradas de razão?

E eis ahí o estado do exercito portuguez. Um estado incrível, sem ordem, sem disciplina, sem estímulo, sem senso, que degenera n'um instante, com uma fanha que lancem para o monte, n'um incendio que ninguém sabe o que será capaz de devorar. Nem officiaes, nem soldados! Os soldados... *á vontade!* Os officiaes nervosos, irritados com isto tudo e portanto sem força legal nem moral para conter as tropas. Os leitores já conhecem as desordens de Lisboa. Pois por ellas poderão avaliar se as nossas prophacias tem ou não tem fundo de verdade.

Y.

Carta da Bairrada

Junho, 18.

Melhorou o tempo e o aspecto d'alguns vinhedos é mais animador, isto nos que tiveram a fortuna de escapar aos destroços da *pyrale* e n'aquelles onde não se encontram ainda focos phylloxericos. Mas, geralmente, a vinha soffre, e soffre muito, e se se fizesse uma inspecção rigorosa aos vinhedos do concelho de Anadia, ver-se-hia que as nodosas phylloxericas não se limitavam somente á freguezia de Tamenegos, onde está montado o posto de tratamento official, de que tantas vezes nos temos occupado, mas ao qual nenhuma attenção tem prestado os viticultores da Bairrada. Hoje vemol-os desanimados pelos estragos que a *pyrale* tem feito e pela noticia vaga do apparecimento de muitas manchas em vinhas novas, ha pouco cheias de vida e actualmente amarellas, com pouco fructo e com signaes de visivel aniquillamento. No entretanto, a desani-

Roux, por exemplo, só d'uma descarga morreram 18 operarios. Mas todo o mundo concorda em que se o exercito procedesse com a selvageria que lhe ordenavam, os mortos n'aquelles tristes dias contar-se-hiam ás centenas.

A estatistica dos acontecimentos, só na bacia de Charleroi, pode-se resumir assim:

Mortos	56
Feridos	142
Presos	458

As condemnações são severissimas. O tribunal de Charleroi vingam bem a sociedade burgueza. Mas que odios e vinganças não accumulam no coração dos desgraçados!

(CONCLUE.)

L. BERTRAND.

mação que lavra em muitos vicultores, nossos vizinhos, não tem ainda produzido mais do que o ecco de lamantações infructíferas, sendo quasi inutil dizer-se e por ser assás conhecido, que ninguém aqui pensa em formar uma associação fomentadora dos interesses vitícolas, quanto mais em reunir elementos para combater, em commun, durante estes tempos de prosperidade invejável, o inimigo implacável da vinha que não tardará que dê á Bairrada o aspecto desolador de uma região que atravessa um difficil periodo de vida.

E o governo? esse espalha pela Bairrada a cornucopia das graças e affigura-se-lhe inapagável a corrente de prosperidade em que temos caminhado.

Por coherencia, temos um deputado, presidindo hoje ao governo que ditosamente gere os negocios publicos, a quem a sorte da vinhateria da Bairrada não dá o menor cuidado, porque pensa mais em fazer titulares e em accommodar padres, do que em servir os verdadeiros interesses da localidade que representa em cortes.

Carta de Chaves

18 de junho.

Acabaram as festas! Eis-nos enfim livres de toda essa enorme, ridicula e carissima bambochata feita á custa do Zé em honra do real casorio!

Iluminações caricatas e sedicções, o importuno foguetorio, o estafado hymno da Carta, em summa— tudo, tudo o que o *vasio doente* das nossas auctoridades engendrou e quiz pôr em pratica acaba de evaporar-se e extinguir-se, como o brilho de uma bota engraxada a que se lançasse um pouco de lama...

Consummatam est! Sua alteza o principe Simão, casou-se. Os senhores de Bragança e seus laiaos pozeram o paiz em festa.

Quatro dias, 96 horas, 5:760 minutos, de benditas férias cairam (como o maná dos hebreus) do céu por sobre as diversas repartições publicas, e o exercito temível dos laboriosos funcionarios da nação (?) apressou-se em gozar o régio beneficio, entregando-se, de facto domingueiro, chapéu alto e luvas de pellica, durante esses quatro dias esplendidos, unicos, adoraveis e queridos, á grande borga, á suavissima pandega, scientes de que o ordenado *corria*...

O povo accudiu pressuroso, boquiaberto, descalço, pallido e rôto, a admirar o auspicioso acontecimento, o facto maravilhoso, o caso estupendo, e... pagou-as despezas.

Consummatum! Te Deum laudamus!.....

Aqui, no ultimo dia de regresso, quando a musica do 19 terminava uma peça qualquer, um soldado do mesmo regimento levantou um viva á Republica Franca. E querem saber o que lhe succedeu? Foi immediatamente arremessado para o fundo da mais escura e horripilante enxovia, como se houvera commettido um crime atroz e nefando!

Simplemente revoltante, indigno e estúpido o procedimento da officialidade superior d'infanteria 19.

Ivo Telles.

NOTICIARIO

Esteve n'esta cidade o eminente poeta Guerra Junqueiro, hospedando-se no hotel Cysne do Vouga.

O nosso revisor ás vezes faz-nos das suas tropelias. Assim no nosso ultimo artigo de fundo chamou ao sr. José Paulino de Sá

Carneiro— ladrão abafado. Ladrão abafado! Protestámos, em nome da moralidade publica e... principalmente em nome da verdade! Não, senhor, abafado é que não é! Também escreveu que a camara tinha garantido á camara não sabemos o quê. Queriam dizer que a lei garantia á camara o direito de representação.

O sr. José Maria d'Oliveira Vinagre foi, segundo nos informa um nosso amigo, victima d'um logro por um cavalheiro d'industria que se dizia agente de uma casa commercial de Lisboa que entretém relações com o sr. Oliveira Vinagre.

O fajardo teve habilidades de se impôr como homem insuspeito, e aquelle sr. não teve duvida em lhe dar hospedagem em sua propria casa, acompanhou-o ao comboyo e ainda na gare lhe deu 4 libras que o hospede lhe pediu pretextando uma eventualidade.

Averiguada a visita, veio-se a conhecer o logro.

Como noticiámos, teve lugar na quinta feira a recita pelos officiaes inferiores do regimento de cavallaria representando o 29, ou honra e gloria.

A concorrência foi regular. O desempenho correu frio, mas o fim sympathico da iniciativa venceu essa falta, havendo ainda no fim do spectaculo applausos e chamadas especiaes no decorrer da representação.

Desde terça feira que a atmosfera se apresentou quentissima, sendo insupportavel o calor quando o sol esia proximo do zenith.

E' esta uma phase adequada á fermentação de aguas estagnadas, de materias organicas que se acham por ahi depositadas, é enfim um agente poderoso para attrahir e desenvolver na atmosfera as emanções deleterias de districtos sobre que incidam os raios solares.

O microbio anda lá para a Italia a matar gente. Por isso reine a porcaria, que não ha motivo para sustos. Se elle se approximar, leva com uma commissão pelas ventas. Recalcitra? Já cá temos ambulancias funebres para ultimo recurso.

O *Commercio Portuguez* diz a respeito do excessivo calor que se tem sentido:

«E' pois, chegado o tempo em que convem seguir á risca todas as prescripções hygienicas, para se evitarem as enfermidades que n'esta quadra do anno grassam mais intensamente. Limpeza, sobriedade e acceio, eis os tres requisitos que é preciso observar escrupulosamente, para se atravessar a epoca dos grandes calores.»

Os ratoneiros, talvez os acosados pela policia (?), foram exercer a sua industria em Nariz, Esgueira, Salreu, Gafanha, etc., povoações mais ou menos proximas d'esta cidade.

Em Nariz roubaram um padre, aproveitando a occasião em que elle dizia missa.

Andam desaforados os gatunos.

Consta ao *Parlamento* que estão adiantados os estudos para a montagem da fabrica de conservas de peixe, que os srs. Amieux Frères vão estabelecer n'esta cidade, e que se está procedendo ás transacções respectivas com os proprietarios dos armazens e terreno onde a fabrica deve ser installada.

A auctoridade administractiva fez capturar e metter no *segredo* um individuo de Villa Real que reside aqui ha tempo, e sobre o qual cabem suspeitas de cumplicidade nos roubos que ahi se tem commettido.

Este *filhote* havia sollicitado

do sr. administrador do concelho a graça de o mandar transportar para a sua terra, visto não ter meios de o fazer por sua conta e o publico o indigitar como um dos implicados n'aquellas occorrencias.

No dia do julgamento de José Filipe Gonçalves, o *filhote* não podendo talvez vencer a nostalgia d'esta terra onde deixara mulher e filhos, apresentou-se ahi, e a policia deitou-lhe a mão para o livrar das bocças do mundo, e lá está na sombria.

Se o sr. administrador do concelho quer saber a fundo a biographia d'esse aventureiro celebre, o sr. Manuel Maria Ferraz de Abreu, escrivão do juizo de direito em Estarreja, pôde fornecer-lha, escripta pelo proprio punho do protagonista quando preso nas cadeias d'aquella comarca.

Não é verdade que José Filipe Gonçalves, ultimamente condemnado por crime de roubo, haja feito quaesquer revelações a respeito da existencia de seus cumplices. Presiste em afirmar a sua innocencia, declarando não conhecer ninguém n'esta cidade.

Que elle tem cumplices parece manifestal-o a circumstancia da escada que serviu para o assalto ter sido subtrahida n'um local a consideravel distancia do roubo e todas as probabilidades induzem á idéa de que José Filipe não a encontraria tão facilmente nas poucas horas que circulou n'esta cidade.

Houve portanto algum Cyreneu indigena que não é extranho ás gentilezas e ajudou a levar a escada que se tornou uma verdadeira cruz para José Filipe.

Ah o bom Antunes, o bom Antunes, que é o terror dos gatunos de Lisboa, que falta cá faz!...

Nos proximos dias 24 e 27 haverá na praça de S. João duas corridas de touros sahidos das manadas do sr. José Joaquim de Oliveira.

A corrida de quinta feira principia ás 3 horas da tarde, devendo terminar quando a proçissão estiver prestes a sahir, e d'esta fórma serão aproveitaveis as duas festas.

Se o corpo fiscal está hoje organizado com a disciplina do exercito, que pretexto auctorisa os meninos bonitos a andar á paisana quando fazem serviço?

Pôde responder-nos, sr. chefe de districto?

Não é d'essa fórma que pôde manter a disciplina. Quando ha favoritismos com desprezo das leis, os chefes desauthorizam-se. E nós constituimo-nos na obrigação de lhe lembrar o cumprimento dos seus deveres officiaes tantas vezes quantas elles forem irregulares.

Foi-nos enviado pelo director d'esta circumscripção telegraphopostal o sr. Joaquim José dos Prazeres um exemplar da *Tabella* que regula as novas taxas a que estão sujeitos os volumes de encommendas postaes originarios do continente de Portugal com destino ao estrangeiro.

Agradecemos.

Uma parte da população mais atreita á credence do sobrenatural, está possuida de verdadeiro susto, porque o mundo acaba na proxima quinta feira. Em algumas freguezias ruraes tem sido feitas preces afim de desarmar a colera divina. Em ultimo caso, o cataclysmo fatal, na affirmação dos crentes será substituído por um trovão horrivel, medonho, atroz, que ribombará por espaço de 24 horas!

Ora o clero, o clero que mais priva com a massa ignorante, podia e devia allivial-a d'aquelle sofrimento moral, se é que não foi cooperador serodio na prophacia de Nostradamus. Deve e pode desterrar-lhe do espirito a lugu-

bre idéa, porque infelizmente é ainda elle o elemento mais preponderante na consciencia popular.

No domingo e segunda feira ultimos houve em Vagos uma festividade de que nos contam episodios burlescos e indecentes, em que os padres tinham o principal papel. Uma das exhibições que este anno sobressahiu pela novidade foi um prestito funebre simulado, com o respectivo caixão, o respectivo *cadaver* de um homem que por signal ia vivo, de mãos postas e commodamente estendido no caixão levado por quatro devotos, o respectivo clero de habitos talares entoando os respectivos psalms, musica no coice da arlequinada, povo, etc., e lá ia o cortejo desfilando, passo grave, todos muito empavonados, tomando a serio o seu papel.

Que alguém ouse bocejar no meio d'aquella massa de que os padres exploram a ignorancia!... E' o cumulo do ridiculo, mas é tambem o cumulo da degradação o meio que esse clero apropria por um egoismo sordido e repugnante!

Outra face caracteristica d'esta romaria é a dos sermões. E' um verdadeiro mercado de pares, expondo á venda os seus sermões. Entram em ajuste, e o freguez nunca fica sem obra.

Só visto, aquillo.

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Eu abaixo assignado declaro que recebi do Ill.^{mo} Sr. João Marques Affonso, de Salreu, a quantia de treze mil e sete centos reis em dinheiro, uma caderneta da quantia de vinte mil reis, existentes na Caixa Economica, e quatro livros de escripturação, que tudo pertencia á Associação Philantropica dos estudantes de Aveiro, e que, por deliberação da assembleia geral da mesma Associação, reverteu em beneficio da estatua de José Estevam.

E por ser verdade mandei passar o presente e mais cinco para serem publicados, dos quaes só um valerá.

Aveiro 4 de junho de 1886.

O Thesoureiro da Commissão promotora do monumento a José Estevam,

Pedro Antonio Marques.

Dizem da Figueira que continúa em grande escala a exportação de vinhos por aquelle porto para diferentes pontos da França. A maioria d'estes vinhos tem sido comprados nas regiões vitícolas da Bairrada e Beira.

Em 30 de junho do anno passado, a divida ao thesouro, por direitos de mercês honorificas, titulos, commendas, fitinhas, etc., elevava-se a perto de mil contos de reis.

Se o governo compellisse todos esses caloteiros ao pagamento das suas dividas, ahi tinha uma verba importantissima; mas não faz nem fará isso, porque iria molestar talvez alguns dos ministros da situação transacta e quicá até os proprios amigos do governo actual.

O fisco só vê os miseraveis, os que não pagam porque não podem.

No anno de 1885 falleceram em Lisboa 6:874 pessoas, sendo 217 com variola, 174 com sarampo, 207 com apoplexia, 875 com phthisica pulmonar, 318 com tuberculose e 5:083 com diversas doencas.

Parece que o governo não podendo resistir mais ao braço vigoroso da justa condemnação movida pela imprensa republicana, projecta pôr em campo a perseguição covarde e aleivosa contra todos os que tem censurado a baixa retractação do partido progressista, partido que tão redonda e completamente se converteu, para graça real!

Só lhe falta isso para complemento da sua desvairada incoherencia. Mas os progressistas são capazes de tudo.

Nunca houve partido que mais se desautorisasse e se rebaixasse. Encarando de repente com tantas indignidades até custa a acreditar que caracteres immaculados e intransigentes na opposição se deixassem arrastar ao pantano da degradação por uma simples farda de ministro!...

El-rei está vingado e bem vingado dos seus antigos e cruéis diffamadores. A tanto aviltamento os tem arremessado com a ponta do pé, que só uma segunda vindicta real podel-os-ha arrancar da vasa para os chegar ao throno.

Uma vingança que lhes deixa na face nodoa tão indelevel, só poderia sair do cerebro de um bragança.

A commissão de viticultura michalense vae mandar contratar em França um preparador de vinhos, a fim de ir á ilha de S. Miguel ensinar um bom processo de fabrico, apurando-se o melhor typo que seja possível obter-se do nosso vinho destinado á exportação. A junta geral do districto apoia esta idéa e para que ella se realice destinou no seu orçamente uma verba de 2:500\$000 réis.»

Diz um nosso collega do Porto que vae fazer-se a inspecção de vinhedos na circumscripção do norte, e bom será não só que todos os viticultores encaminhem os encarregados d'este serviço para que vão, especialmente, ver os pontos suspeitos, mas que tirem da inspecção toda a vantagem, procedendo immediatamente ao ataque dos focos ou ao curativo de qualquer nodoa que se manifeste.

O digno inspector o sr. Rodrigues de Moraes diz que conhece em alguns pontos dos vinhedos do norte, focos que, tendo sido immediatamente atacados, ou desappareceram ou ficaram absolutamente restrictos ao ponto em que appareceram, evitando assim a propagação do mal, tanto no proprio vinhedo como no dos vizinhos.

E pede que o auxiliem, os vicultores no trabalho da inspecção afim de tirar d'elle todo o proveito possível.

A camara municipal de Tábua abriu concurso para o provimento da escola elementar do sexo masculino na freguezia de Covas; ordenado 100\$000 reis.

—Perante a camara municipal de Braga tambem está aberto concurso para o provimento da escola elementar do sexo masculino na freguezia de S. Jeronymo de Real; ordenado 100\$000 reis.

—Tambem estão a concurso as cadeiras d'ensino elementar do sexo feminino da freguezia de Santa Cruz da Praia da Praia da Victoria, com 175\$000 reis insulanos; a elementar e complementar do sexo feminino de Mora, com 180\$000 reis e respectivas gratificações.

Uma rapariga das cercanias de Lião, França, a perola do coro de cantoras do mez de Maria, diz o «Progrés», desappareceu um d'estes dias da casa paterna.

A familia da pequena é uma gente muito honesta. Imaginem como não ficariam quando souberam da evasão.

Um joven abbade captivara o coração da pobre creança e fizera-lhe perder a cabeça. Os dois pombinhos levantaram o vôo e ignora-se ainda em que logar arulham os seus primeiros amores.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

O nosso amigo sr. Augusto d'Oliveira estabeleceu no Porto, na rua de Cedofeita, 210, 1.º andar uma

AGENCIA CENTRAL

na qual apreheita papeis para casamentos, passaportes e passagens. Fazem-se memoriaes e requerimentos para todas as repartições publicas do reino; sollicitam-se documentos das mesmas; legalisação e expediente de cartas rogatorias para paizes estrangeiros, bem como o respectivo andamento quando regressarem cumpridas; promovem-se averbamentos de quaesquer titulos de credito; encartes de empregos publicos ou officios e registos nas conservatorias. Tramitam-se negocios em todos os tribunales; cursos do recrutamento; despachos na alfandega e caminho de ferro. Encarrega-se de traducções do hespanhol, francez e inglez, cobrança de dividas, foros e pensões, publicações d'annuncios, compras, vendas, pagamento de contribuições, e finalmente de qualquer negocio concernente a agencias d'esta ordem. Tudo por preços modicos com a maxima actividade.

A agencia resolveu igualmente encarregar-se de PERGUNTAS e RESPOSTAS.

Se algum individuo desejar orientar-se sobre negocio ou pessoa no Porto, será satisfeito promptamente, mediante a retribuição de 500 reis, sendo a resposta dada pelo correio, ou 700 reis, sendo pelo telegrapho.

Estas quantias deverão acompanhar a pergunta, em sellos ou estampilhas do correio.

BIBLIOGRAPHIA

Republicas.—Sahiu o n.º 74 8.º da 3.ª serie).

Toda a correspondencia deve ser dirigida a A. Barros, rua Nova do Carmo, 90, 1.º—Lisboa.

Revista de Medicina Dossimetria. Recebemos o numero 6 do 7.º anno

Assigna-se na pharmacia M. J. Pinto & C.ª, Loyos, 36—Porto.

O Pastelleiro de Madrigal.—Recebemos o fasciculo n.º 31. E' editora a Empresa Noites Romanticas.

Assigna-se em Lisboa, na rua d'Atalaya, 18.

Os milhoes do criminoso. Recebemos o fasciculo 27 d'este esplendido romance editado pela empresa Serões Romanticos.

Assigna-se na rua da Cruz de Ran, 26—Lisboa.

A Illustração Portuguesa.—Recebemos o n.º 47 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

Typ. do «Povo de Aveiro» Rua da Alfandega, n.º 7

Publicações litterarias

NOVO CODIGO ADMINISTRATIVO (Reforma administrativa)

A EMPRESA do «Parlamento» vae encetar brevemente a publicação d'esta utilissima obra, que depois da edição da folha official, é seguramente a primeira que se apresenta a publico.

Para este fim, as officinas typographicas augmentaram o quadro do seu pessoal com tão grande numero de operarios, que pode assegurar-se que a reforma administrativa levará apenas dois dias a transcrever do «Diario do Governo». Será, portanto, o primeiro codigo posto á venda, em todo o paiz.

A importancia d'um livro tão indispensavel a todos os cidadãos e a todas as repartições publicas, é por si só bastante recommendação para elle, n'esta oportunidade.

O novoCodigo Administrativo (reforma administrativa) que vae ser decretado proximo, dá um volume de perto de 180 paginas, formato grande, impresso em magnifico type e bom papel. O seu preço para os srs. assignantes é de 500 rs. (franco de porte) e de 600 avulso. A assignatura acha-se desde já aberta só nos escriptorios da administração do jornal «Parlamento», Aveiro, para onde devem ser dirigidos todos os pedidos d'assignaturas do novo codigo.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

Esplendida edição portuense, illustrada com 500 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanais de 32 paginas no preço de 100 reis, pagos no acto da entrega.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESBOÇO DE CRITICA

OTHELLO

O MOURO DE VENEZA

DE WILLIAM SHAKESPEARE

Tragedia em 5 actos, traduzida para portuguez por D. Luiz de Bragança

A venda na Livraria Civilisação, de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto. Preço, 300 reis; pelo correio, 320.

ARNALDO GAMA

O SARGENTO-MÓR DE VILLAR (2.ª edição illustrada)

O incançavel editor portuense, Eduardo da Costa Santos, já tem muito adiantada a publicação do «SARGENTO-MÓR DE VILLAR» (2.ª edição illustrada.)

A obra constará de dois volumes in 8.º, e será illustrada com doze gravuras. No Porto, será distribuida em cadernetas de 64 paginas e uma gravura, pelo preço de 100 reis cada caderneta, pagos no acto da entrega. Não excederá a 12 cadernetas, que serão distribuidas quinzenalmente.

Para as provincias só se aceitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de CINCO FASCICULOS, excluindo as despesas de porte do correio, que serão pagas á custa da casa editora.

Concluida a publicação da obra, a casa editora distribuirá por todos os srs. assignantes uma esplendida gravura executada expressamente na Alemanha.

Assigna-se na Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, Editor, Rua de Santo Ildefonso—4 e 6—PORTO.

OS MILHOES DO CRIMINOSO

Os «MILHOES DO CRIMINOSO» são a ultima e a mais interessante obra de Xavier de Montépin, auctor dos romances: «O Fiacre n.º 13, Mysterios de uma herança, Grimes de uma associação secreta» e «As mulheres de Bronze.»

- 1.ª parte—O Incendiario. 2.ª parte—O grande industrial. 3.ª parte—A luz da verdade.

Edição ornada com primorosas gravuras e com chromos a finissimas cores, dos quaes o primeiro é o retrato de Montépin.

Cada chromo 10 reis—50 reis semanais.

Brindes a cada assignante: 100\$000 reis em 3 premios pela loteria e um magnifico album das principaes vistas de Belem no fim da obra.

Assigna-se na empresa editora Belem & C.ª, rua na Cruz pe Pau, 26, 1.º Lisboa.

Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, sendo a assignatura paga adiantada e na importancia de 5 fasciculos.

ANNUNCIOS

Novidade!

Refrigerantes gazozos e hygienicos de ananaz, tangerina, tomã, salsa parrilha, café, genebra, cognac, rhum etc., vendem-se na loja de José Fernandes Melicio, em Aveiro, assim como genebra Fockink legitima a 550 rs. a botija, cognac de 1.ª qualidade a 1\$000 rs. a garrafa, dito de 2.ª a 800 rs., creme a 500 rs. e kermann a 600 rs.

CASA DE CAMPO

VENDE-SE uma em Verdemilho, nova e com bastantes commodidades. Tem quintal com arvores de fructo.

N'esta redacção se diz quem a vende.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetito, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 reis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883. DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

GENEBRA—MOREIRA & C.ª

CHAMAMOS a attenção de todos os srs. consumidores para estas qualidades de genebra E' a mais barata, a mais estomacal e a melhor até hoje conhecida.

Tem acolhimento geral em todo o paiz, e foi premiada na ultima exposição de Lisboa.

Deposito: Todos os estabelecimentos de mercearia e muitos outros no Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) Mor.ª & C.ª e a rolha com a firma (fac-simile) dos fabricantes.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo, e approvado pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgaos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescência de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellento «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toasto», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envoltucros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

BILHAR

VENDE-SE um, francez, de pau santo, em muito bom estado, com tacos, taqueira, trez bolas grandes, e cinco pequenas de jogar as russianas.

Quem pretender, n'esta redacção se diz.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

VIENNA (AUSTRIA)

QUASI DE GRAÇA!!!

42 PEGAS formando um formoso serviço de me mesa por 38\$50 reis!!! Por motivo de liquidação, é posta á venda, com o abatimento de 75 p. c., grande quantidade de prata Alfinide (Argentorie Alfinide).

Por 38\$50 reis apenas

representando sómente metade da mão d'obra, do que antes se vendia por 60 francos, enviaremos o seguinte serviço de mesa, de prata Alfinide, muito fino e duradouro:

- 6 formosas facas de mesa 6 garfos 6 colheres de sopa 6 bonita- colheres de chá 1 grande colher de terrina 1 grande colher de legumes 3 formosas oveiras massicas 2 chiearas para sobremesa 1 pimenteiro e assucareiro 1 formoso coador para chá 3 magnificos assucareiros 6 formosos apóios para facas

42 peças

BRANCURA GARANTIDA POR 40 ANNOS

Para receber os 42 objectos, formando um serviço completo de mesa, FRANCO, NO DOMICILIO em 9 ou 10 dias, dirigir ao Depósito geral das fabricas unidas de prata Alfinide, a M. RUNDBAKIN, II Hedwiggasse, 4, Vienna (Austria); remettendo adiantadamente 38\$50 reis por meio de ordem particular ou postal.

Devolve-se o dinheiro, caso a mercadoria não convenha, tendo n'este caso o destinatario de satisfazer despesas de cerca de 350 rs.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

OFFICINA DE SERRALHERIA

—AVEIRO—

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 500 reis semanais, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,"

AVEIRO—75, Rua de Jesé Estevam, 9—7 (Pegado á Caixa Economica

HISTORIA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com magnificos retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha e dos homens mais notaveis do seculo XIX.

GRANDE EDIÇÃO PATRIOTICA

Valiosos BRINDES a cada assignante, consistindo em 4 magnificos QUADROS compostos e executados por professores distinctos de Bellas Artes. Os BRINDES distribuidos a cada assignante vender-se-hão avulsos por 50 mil reis.

A obra publica-se aos fasciculos, sendo um por mez. Cada fasciculo, grande formato, com 64 paginas custa apenas 240 reis sem mais despeza alguma.

No imperio do Brasil cada fasciculo 800 reis francos. A obra é illustrada com notaveis retratos em numero superior a 40. Esta collecção de retratos, rarissima, vende-se hoje, quando apparece, por 42 e 15 libras.

A obra completa, que comprehende 4 volumes grandes não ficará ao assignante por mais de 10\$000 reis fortes.

O primeiro fasciculo sahirá em abril proximo. Está aberta a assignatura para esta notavel edição na

LIVRARIA PORTUENSE DE LOPES & C.ª—EDITORES RUA DO ALMADA, 123—PORTO

Recebem-se propostas para correspondentes em todo o paiz e no estrangeiro.